



Ó JOSÉ, TU OCUPAS O LUGAR DA MULHER?

Jailma da Costa Ferreira; Bruno Santos Melo; Fernanda Karyne Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – bsantosmelo@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – fernandakoliveira@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar como as imagens do feminino e masculino são desmitificadas no poema *Ó José*, da poeta Adélia Prado. Ao mesmo tempo em que a voz poética (des) constrói a imagem feminina, ela (re) constrói a imagem masculina. Dessa forma, a identidade dos sujeitos e o papel social que eles ocupam são permutadas. Portanto, é pretensão deste trabalho refletir sobre os papéis sociais que os homens e as mulheres têm assumido a partir do modelo familiar burguês à contemporaneidade. Buscando, pois, identificar como essas mudanças têm contribuindo para a formação de um novo modelo familiar, no qual não só a mulher, mas também o homem deve resignar-se e submeter-se aos desafios da vida conjugal, para que assim seu casamento possa ser mantido. Como aporte teórico para fundamentar estas discussões, recorreu-se às contribuições de Bauman (2005), Bischof (2005) e D’Incao (2010).

Palavras-chave: Adélia Prado, Poesia, Identidade.

INTRODUÇÃO

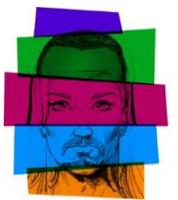
*Agora é a própria mulher que se
desembrulha, se explica.
(Lygia Fagundes Telles)*

Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis (MG), em 13 de dezembro de 1935. Aos 14 anos de idade, Adélia já rabiscava poemas, contudo sua primeira obra autoral – *Bagagem* – só seria publicada em 1975. Considerado o marco de sua vida artística, essa se tornaria uma das suas principais obras.

A escrita poética de Adélia foi, sem dúvidas, um modo pelo qual a escritora (re) conta sua história e suas próprias experiências vividas. Em sua poesia há uma mulher, concreta em si mesma. A

mulher, que é apresentada nos poemas adelianos, vai além de preconceitos, tabus e rótulos sociais: uma mãe, esposa e dona de casa, mas que nem sempre irá assumir essa tarefa com maestria.

A vida em sociedade sempre foi e vem sendo uma grande prática de ressignificações, no que tange à solidez de personalidades. Desde o início da humanidade as identidades foram muito bem delineadas e definidas, como exemplo, pode-se tomar as relações do homem com o meio social, os papéis que devem ser desempenhados: o homem, viril e másculo, deve assumir o controle de sua casa, suprindo-a e tendo o trabalho braçal, por assim dizer, enquanto a mulher,



sempre teve que manter a figura de “boa-moça”, intocável, frágil e feminina, o típico modelo de mulher burguesa, no qual os únicos lugares que ocupava o domínio de algo, era o de dona de casa e o de ser mãe, tendo seus horizontes limitados ao seu convívio do lar.

Bauman (2005, p.37) afirma que “[...] talvez seja mais prudente portar identidades [...] como um manto leve e pronto a ser despido a qualquer momento.”. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que com o advento da modernidade, as identidades são vistas agora não mais como algo fixo, imutável e imposto, e sim à disposição do indivíduo para se assumir como deseja, não aceitando, por assim dizer, a imposição de valores ético-morais sobre si.

Por tal motivo, vê-se que o indivíduo social não vai mais em busca da solução de

RESULTADO E DISCUSSÃO

O poema *Agora, ó José*, presente no livro **Bagagem**, primeiro livro da autoria de Adélia Prado, traz a imagem de um homem comum, sendo evidente que não se pode o ler sem associá-lo ao poema *E agora, José?*, de Carlos Drummond. Porém, enquanto a voz poética de Drummond lamenta as perdas de José, a voz poética de Adélia parece querer prevenir essas perdas. Assim, o eu

seus problemas em motivos exteriores, mas si em sua própria subjetividade, em seu interior, fato que ocorre com o eu-poético de José, no poema dado para análise.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa consiste na leitura crítico/interpretativa do poema escolhido, buscando evidenciar a forma como a inversão de papéis foi construída ao longo da poesia. Desta maneira, trata-se de uma pesquisa bibliográfica centrada na leitura e análise do texto literário, admitindo assim interpretações diversas, ancoradas na afirmação que o texto literário pode ser entendido como uma teia de significações, que podem ser feitas, desfeitas, refeitas, rearranjadas, de acordo com o leitor, levando em conta, assim, aspectos sociais, culturais e históricos.

poético adeliano mostra a José o que ele ainda tem, em contrapartida ao que foi perdido pelo José drummondiano. *Agora, ó José* mostra-se como uma resposta para a pergunta repisada: *E agora, ó José?*

A pergunta aponta para a ausência de possibilidades. A indagação ecoa no vazio, depois que a própria realidade conhecida esgarçou-se, fez-se pó: “quer morrer no mar, mas o mar secou;/ quer ir para Minas, Minas não



há mais.” (BISCHOF, 2005, p. 54).

No entanto, em ambos os poemas há um homem simples, um homem ‘comum’, que parece estar num momento de mesmice. No poema de Drummond, uma das mesmices que assola a vida de José é a perda da mulher. Já no de Adélia, ela alerta José para que ele não sofra essa perda, devendo, então, conviver com sua realidade e aceitar seu destino.

1. É teu destino, ó José,
2. a esta hora da tarde,
3. se encostar na parede,
4. as mãos para trás.
5. Teu paletó abotoado
6. de outro frio te guarda,
7. enfeitada com três botões
8. tua paciência dura.
9. A mulher que tens, tão histérica,
10. tão histórica, desanima.
11. Mas, ó José, o que fazes?
12. Passeias no quarteirão
13. o teu passeio maneiro
14. e olhas assim e pensas,
15. o modo de olhar tão pálido.
16. Por improvável não conta
17. O que tu sentes, José?
18. O que te salva da vida
19. é a vida mesma, ó José,
20. e o que sobre ela está escrito
21. a rogo de tua fé:
22. “No meio do caminho tinha uma pedra”
23. “Tu és pedra e sobre esta pedra”.
24. A pedra, ó José, a pedra.
25. Resiste, ó José. Deita, José,
26. Dorme com tua mulher,
27. gira a aldraba de ferro pesadíssima.
28. O reino do céu é semelhante a um homem
29. como você, José.

Nos primeiros versos, a imagem de um homem encostado na parede e de mãos para trás, sugere um homem estático, sem atitude, paralisado pelas adversidades da vida, conforme o contexto percorrido ao longo do poema. É importante evidenciar que esse homem não paralisou apenas no lugar onde se encontra, mas também no tempo, de acordo com os versos cinco e seis: “Teu paletó abotoado/ de outro frio te guarda”, ou seja, não é desse momento aquela situação em que vive, mas advém de um outro frio, de um outro tempo.

O passado ainda é muito vivo no presente deste homem, ele encosta-se para rememorar suas dores, seus sentimentos, o tempo e o espaço parece fundir-se num mesmo momento. Diante dessa situação, porém, a voz poética revela um homem paciente, um homem que tem uma “paciência dura.” (v. 8).

Dessa forma, o texto sugere que só um homem com uma paciência assim para suportar a convivência com uma mulher como a que é descrita nos versos seguintes. A “paciência dura” remete ao um estereótipo do ser masculino: “cabeça dura”. Portanto, a figura masculina carrancuda vai sendo desconstruída pela poeta ao passo em que ela também desconstrói a imagem feminina de “rainha do lar”. Pois, como uma mulher



histórica poderia cuidar de seu lar, ter sobre ele o controle – como esperava-se que a mulher tivesse –, uma vez que esta não tinha o controle nem mesmo sobre si mesma?

A partir do nono verso, então, a voz poética apresenta essa mulher histórica e histórica, que chega a desanimar José. Essa face da mulher parece novidade, levando-se em consideração que Adélia bebe da fonte cultural do século XIX, no qual a mulher burguesa era uma ‘dama perfeita’. Não que a histeria não fizesse parte da personalidade de algumas mulheres da época, mas isso era maquiado e jamais exposto na poesia ou em qualquer outro espaço.

Desse modo, a poeta não só desfaz a imagem feminina de ‘dama perfeita’, como também desfaz o modelo familiar burguês, em que a mulher é aquela que conduz e sustenta seu lar. Nas adversidades, é ela quem mantém o controle, sendo sempre revestida pelo bom senso, pela prudência e pela sabedoria.

Da esposa do rico comerciante ou do profissional liberal, do grande proprietário investidor ou do alto funcionário do governo, das mulheres passa a depender também o sucesso da família, quer em manter seu elevado nível e prestígio social já existentes, quer em empurrar o *status* do grupo familiar mais e mais (D’INCAO, 2010, p. 229).

No entanto, no poema em análise acontece exatamente o contrário, estando a mulher emocionalmente fragilizada, é o homem quem vai assumir a função de sustentar a convivência doméstica e matrimonial e manter imaculado o status social de sua família.

O modo de José andar no quarteirão – pensativo e preocupado – revela o porquê da palidez no seu modo de olhar, a qual é descrita no décimo quinto verso. No entanto, só o que pode salvar José dessa situação é a própria vida, vida esta que se firma sobre a pedra e a pedra é o próprio José. Ou seja, não há como José sair dessa realidade senão enfrentando-a. Uma vez que a pedra no meio do caminho de José é ele mesmo, essa pedra pode significar o sustento de uma relação com sua mulher histórica, como também pode representar a causa da histeria de sua mulher, uma vez que essa pedra seja considerada não mais como alicerce, mas como obstáculo.

Assim, a imagem da pedra tanto evoca a interdição diante dos ditames sociais como também sugere aquilo que bloqueia. Por outro lado, a pedra também pode ser alicerce, base, início, origens. Revelando assim um resgate da subjetividade, da interioridade, das relações interpessoais que sustentam uma vida a dois. A pedra remete ao início de algo, nesse caso, ao início de uma vida matrimonial,



sendo a pedra a base na qual o matrimônio foi sustentado e erguido. Então, José é a base do seu casamento ou a pedra que tornou sua mulher histérica, diante da vida a dois?

A pedra uma vez representada como interdição diante dos ditames sociais, interdita aquilo que é ditado pela sociedade, simbolizando assim a resistência. Diante de um casamento que pode desmoronar, comumente seria a mulher que se faria pedra de segurança para reerguer seu casamento. No entanto, pela falta de uma companheira emocionalmente equilibrada, é o homem quem deve se fazer pedra de segurança para sustentar a relação a dois.

Por outro lado, a pedra também pode representar um bloqueio para a realização da mulher na sociedade. José, no poema adelião, tanto pode ser a pedra que alicerça e sustenta a casa, como também aquele que bloqueou a saída da mulher para o espaço social. Seria essa a causa da histeria de sua mulher? Não se pode afirmar ao certo, nem pelo texto poético, nem tampouco pelo que a voz poética descreve dessa mulher.

Contudo, no verso vinte e três a poeta retrucando o verso de Drummond, responde que a pedra no meio do caminho é o próprio José: “Tu és pedra e sobre esta pedra” (v.23). Há também uma alusão ao versículo bíblico,

segundo o evangelho de São Mateus, no capítulo 16: “E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (v. 18).” A pedra, portanto, é sinal de edificação de algo sólido, duradouro e permanente. Uma vez edificado sobre a pedra, nada nem ninguém poderá desfazê-lo, nem mesmo os poderes sobrenaturais.

O inferno, citado no versículo bíblico, pode também ser identificado no texto poético de Adélia. A condição de vida na qual José se encontra é esse próprio inferno, cheio de privações e insatisfações. Mas, essa condição de inferno não pode abalar a vida de José, pois ele é a pedra, e uma vez sendo essa pedra, nem os poderes do inferno irão prevalecer sobre sua vida.

Portanto, é nessa pedra, ou seja, é no homem que estão alicerçados os frutos e os desgastes da vida matrimonial. Contudo, isso é uma novidade, ao passo em que a sociedade concebia e ainda concebe a mulher como aquela que deve ser a cuidadora do seu lar, aquela que preserva e se submete diante das dificuldades na convivência conjugal.

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras significavam um capital simbólico importante, embora a



autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido (D'INCAO, 2010, p. 229).

Dessa forma, o papel que era próprio da mulher, parece não ser assumido por essa no poema adelião, uma vez que é o homem que se mantém como pedra que sustenta seu lar. Percebe-se, porém, que o papel assumido por esse homem não se resume em ocupar o status de autoridade familiar, mas também em desempenhar a função de zelar por sua família e por sua própria imagem, vale ressaltar mais uma vez que essa era, por excelência, uma tarefa feminina.

Por outro lado, a pedra que é José inaugura um novo tempo, uma nova construção, um novo modelo de relação (intra) familiar, no qual não somente a mulher deve se submeter aos caprichos do marido, mas que também o próprio marido deve conduzir sua casa e sustentá-la diante das histerias de sua mulher. Transformando a pedra em alicerce, é dever de José sair do quarteirão (espaço que está fora do ambiente doméstico) e voltar para casa, voltar para sua mulher e para seus problemas familiares, devendo resistir diante das dificuldades da vida matrimonial. Ele mesmo deve ser agora o sustento do seu casamento e ser suporte para sua mulher.

Assim, José volta, para o espaço caracteristicamente familiar, marcado pelo eu poético a partir do vigésimo quinto verso: “Dorme com tua mulher/ gira a aldraba de ferro pesadíssima.” (v. 25-26). O dormir aponta para o quarto do casal, lugar da intimidade e do encontro, onde cada um se mostra tal como é. No entanto, esse não parece ser um lugar de fácil encontro, pois é pesadíssimo girar a aldraba de ferro que fecha o casal nesse ambiente.

Sendo assim, o quarto parece ser o lugar do sacrifício, onde José se assemelha ao reino do Céu, pois segundo os preceitos cristãos só herdarão o Reino dos Céus aqueles que sacrificam seus desejos pessoais em detrimento ao outro. Dessa forma, José resiste e deita com sua mulher, revelando assim uma certa submissão à convivência a dois. Pois, não é a mulher que deita com seu homem, mas o homem quem vai deitar com sua mulher, mesmo esta estando com aspecto envelhecido e tendo suas crises de histeria, conforme o nono e décimo versos.

Percebe-se, pois, nesse poema que os papéis homem e mulher são invertidos, o papel de “dama do lar” é transferido para o homem, no sentido em que é ele quem deve levar e manter a relação mesmo diante dos percalços. Assim, a imagem de anjo do lar se



desfaz, pelas imperfeições que são impregnadas na mulher do poema analisado.

É importante também que se reflita sobre quem é esse José. Considerando que este é um nome bastante comum na sociedade brasileira, o José adeliانو pode representar muitos dos homens da sociedade atual, os

CONCLUSÃO

A leitura do poema adeliانو revela um novo caminho pelo qual a família vai se sustentar. Resgatando a velha imagem do homem como aquele que é o provedor do seu lar, portanto, é ele que o sustenta, Adélia inaugura uma nova perspectiva, o homem passa a ser também aquele que sustenta seu lar diante dos desafios e privações da vida familiar. Casado com uma mulher histórica, o homem – José – deve, pois, resignar-se às condições familiares nas quais ele está inserido.

Considerando que a sociedade concebeu a ideia de que a mulher deve ser a cuidadora de seu lar, aquela que deve sempre se submeter às exigências da vida matrimonial, o poema adeliانو traz a novidade de colocar o homem no centro desse dever. O sustento de sua relação não está mais restrito a aceitação e disposição de sua mulher, mas agora, é ele mesmo o responsável por esse sustento. Ele é quem deve submeter-se e aceita sua mulher

quais vivem sob a responsabilidade de manter sua vida conjugal, estando submetidos a uma negação de si mesmos. Portanto, ao se pensar no modelo familiar contemporâneo, no qual a mulher tem tornado-se autônoma, o poema torna-se um referente à realidade da vida conjugal da contemporaneidade.

tal como ela é. Portanto, pode-se afirmar que os papéis e deveres de homem e mulher no contexto familiar são invertidos no poema analisado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: entrevista a Benedetto Vechchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. dos Monges Beneditinos. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BISCHOF, Betina. **Razão da recusa**: um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Nankin, 2005.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 223-240.